

2 DA LITERATURA À INFORMAÇÃO CIENTÍFICA DA HISTÓRIA

From literature to history scientific information

Patrícia de Almeida¹

RESUMO: Este trabalho discute os desafios que estão sendo colocados à Literatura enquanto fonte de informação científica da História. Ilustra-se a questão com literatura acadêmica, nomeadamente com alguns casos de estudo dos últimos dez anos. Verifica-se que o contributo da Literatura como fonte de informação histórica é autêntico, abrangente no tempo e transversal aos seus gêneros textuais. No entanto, para que tal aconteça, as obras literárias devem ser problematizadas com o rigor que a historiografia exige. Conclui-se que a Literatura e a História se devem unir-se de forma interdisciplinar, em prol do conhecimento científico.

Palavras-Chave: Literatura. História. Informação científica. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT: This paper discusses the challenges that are being posed to Literature as a source of scientific information in History. This question is demonstrated with academic literature, in particular with some case studies of the last ten years. It is observed that the contribution of Literature as a source of historical information is authentic, comprehensive in time and crosswise to its textual genres. However, in order to make it happen, literary works must be problematized with the meticulousness required by historiography. It is concluded that Literature and History must unite themselves in an interdisciplinary way, in favour of scientific knowledge.

Key-Words: Literature. History. Scientific Knowledge. Interdisciplinarity.

1 INTRODUÇÃO

A arte sempre se mostrou uma componente fundamental da humanidade, quer se trate de pintura ou escultura, de música ou dança, de representação ou Literatura, entre outras expressões artísticas. Tradicionalmente, as artes surgem enquadradas na sua existência estética e proporcionadora de momentos de fruição e de prazer artístico. No entanto, os domínios artísticos podem também assumir um papel muito relevante na aquisição de conhecimento, apresentando-se, neste caso, como fontes de informação científica. No presente trabalho, abordar-se-á especificamente a arte literária e a sua relação com a ciência

¹ Professora e bibliotecária (Ministério da Educação de Portugal), tem licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto e curso de especialização avançada em Ciência da Informação pela Universidade de Coimbra, onde se encontra a terminar o doutoramento nesta área.

Interdisc., São Paulo, n.º 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

histórica, através da revisão de alguma da literatura científica mais recente e de casos exemplares. Com isto, pretende-se mostrar que, nas suas pesquisas, os investigadores (nomeadamente os historiadores²) assumem que a Literatura comporta informação científica relevante para o conhecimento em História. Conclui-se, então, que as obras literárias podem e devem ser consideradas como fontes históricas válidas e credíveis, sempre em respeito pelo rigoroso método da historiografia, pelo que Literatura e História se devem unir de forma interdisciplinar, em prol do conhecimento científico.

2 DA FICÇÃO LITERÁRIA À CIÊNCIA HISTÓRICA

A propósito da arte poética, o poeta romano Horácio afirmou que esta obteria melhores dividendos se, além de doce, se mostrasse igualmente útil. Ora, enquanto expressão artística, a Literatura sempre demonstrou uma enorme relevância e conseqüente valor social, deliciando o ser humano com prazer estético, algo que Roland Barthes designou de *têxtase* (LOPES, 2010). No entanto, enquanto expressão cultural da humanidade e das sociedades, os textos literários podem também ser considerados úteis instrumentos de conhecimento em diversas áreas de saber científico, nomeadamente em História. Esta ideia remonta já ao longínquo tempo de Aristóteles, quando o filósofo verificou a utilidade concreta da Literatura na vida da *polis* (MARTINS, 2015) e defendeu que a poesia poderia ser mais verdadeira do que a ciência histórica, tendo em conta os seus profundos e duradouros efeitos (SILVA, 1993).

Em âmbito geral, pode afirmar-se que tal veracidade sucede, na medida em que a Literatura interpreta e representa artisticamente uma sociedade e uma realidade possíveis, fazendo-o através de palavras em registo oral ou escrito. O texto literário não é uma abstração ou a materialização de um simples momento de inspiração, afirmando-se antes como um veículo de comunicação de valores e de uma visão do mundo (LINARES, 2011). Lopes (2010) afirma que a Literatura imita a vida, muito embora aqui não se trate de um mero processo mimético. A questão é que a ficção literária obriga a que a vida esteja continuamente a ser reinterpretada, tratando-se, por isso, de um diálogo com a realidade e com um mundo verosímil.

Em verdade, é esta verosimilhança e não a realidade que une os escritores de Literatura e os historiadores, na medida em que ambos são construtores de um texto e de uma realidade plausível (SILVA, 2017). Os historiadores usam a linguagem, de acordo com as suas pesquisas e concepções, fazendo surgir uma narrativa de memórias e tal ofício em muito se assemelha à construção da

² Neste trabalho, designam-se *historiadores* não só os que escrevem a História como também aqueles que escrevem sobre ela e apresentam formação superior neste domínio. Desta forma, é possível destacá-los de investigadores de outras áreas do conhecimento.

Interdisc., São Paulo, n.º 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

narrativa de acontecimentos ficcionados pelos escritores (CANEDO, 2016). Neste sentido, Silva (2017), afirma que

história e literatura se aproximam em diversos campos da construção da narrativa, seja pela escolha do lugar social retratado, seja pela escolha dos sujeitos representados na narração (...) os dois tipos de narrativas são modos de representar uma realidade vivida em um tempo e um espaço determinados, portanto são narrações que se diferenciam, de modo geral, pelo compromisso que cada uma tem que a realidade retratada na sua escrita e dos artifícios e métodos que usam para isso (SILVA, 2017, p. 129).

Considera-se que seja neste enquadramento que o Dicionário de Furetière defina a *História* como a narração de coisas ou ações como elas aconteceram ou como teriam podido acontecer (CHARTIER, 2010), algo que poderia ser escrito a propósito do que se entende por ficção. Também Ozelame e Oliveira (2017) reconhecem que tanto a narrativa literária como a narrativa histórica constroem conhecimento por meio da escrita e que, para isso, se baseiam na realidade, sendo ambas uma forma de olhar o passado. Mediante estas semelhanças, é legítimo afirmar que tanto a Literatura como a História são os frutos do esforço imaginativo dos escritores e dos historiadores, tendo por base determinados factos, que tanto podem ser verídicos como verosímeis.

Reconhecendo esta realidade, alguns investigadores têm vindo a mudar o paradigma tradicionalista da História e entendem que a Literatura comporta informação científica relevante para o conhecimento histórico. Para os mais puristas, esta afirmação taxativa poderia causar imediata rejeição ou, no mínimo, alguma estranheza e ceticismo. No entanto, isto mesmo tem vindo a ser considerado em estudos académicos no último século, mais concretamente desde a conhecida como *Escola dos Annales*, que difundiu e defendeu as vantagens da interdisciplinaridade na área da História³. Os trabalhos publicados no célebre periódico *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, criado por Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929, revelam a preocupação existente nas relações dos historiadores com as suas fontes históricas⁴. Os seguidores da *Escola dos Annales* romperam com os pressupostos teóricos tradicionais da ciência histórica e assumiram que, entre outros, a ficção narrativa é um modo válido e credível de representação do passado.

O escritor literário pode, portanto, contribuir para a historiografia. Isto mesmo é confirmado por Nora (1993), quando defende que os historiadores evocam o passado, mas que os cidadãos também o podem fazer, porque a materialização da memória se democratizou; daí concluir que o imperativo da História

³ Ficou conhecido como *École des Annales* o movimento de renovação historiográfica, associado à revista científica francesa *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. Este movimento criticou a historiografia factual tradicional e propôs uma abordagem interdisciplinar com diversas áreas do saber (Literatura, Linguística, Sociologia, Antropologia, Psicologia, entre outras), o que aumentou o leque das possíveis fontes históricas (NAVARRETE, 2011; GRECCO, 2014).

⁴ Versão atual em <http://Annales.ehess.fr/>.

Interdisc., São Paulo, n.º 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

ultrapassou já muito o círculo dos historiadores profissionais. A este propósito, Meirelles (2002) fala de uma *revolução documental* na pesquisa histórica e de uma nova abordagem às formas da construção da história. De acordo com este investigador,

o desafio que hoje se coloca para o historiador, leva-o a desviar seu olhar em direção de novos caminhos, trilhar o desconhecido, o incerto, o impreciso e o indeterminado, como forma de superar os velhos paradigmas, insuficientes para dar conta da complexidade e da multiplicidade de abordagens possíveis do real e do imaginário (MEIRELLES, 2002, p. 147).

Quem também segue esta linha de pensamento é Roger Chartier (2007; 2010). Segundo ele, os historiadores perderam o monopólio das representações do passado, sendo que, tal como o tradicional conhecimento histórico e as constantes operações da memória, a ficção narrativa se apresenta como um modo válido e útil de revelar esse passado. Especificamente no que toca à Literatura, este historiador francês exemplifica com os textos dramáticos de Shakespeare, que, assevera, moldaram uma História da Inglaterra mais forte e verdadeira, comparando com as crônicas nas quais o dramaturgo inglês se inspirou. Mais até do que uma simples fonte histórica, Chartier vê a Literatura como uma *disciplina* que enriquece as reflexões dos historiadores, uma vez que esta capta “la poderosa energía de los lenguajes, ritos y prácticas del mundo social” e que “la circulación entre el mundo social y las obras estéticas puede apoderarse de cualquiera realidad, tanto de los deseos, las ansiedades o los sueños como del poder, el carisma o lo sagrado” (CHARTIER, 2007, p. 1 e 2).

3 DO PARADIGMA À PRÁTICA DA HISTORIGRAFIA

Para confirmar que este paradigma da historiografia tem atualidade e reflexo prático nas pesquisas de investigadores portugueses e brasileiros, destacam-se alguns trabalhos académicos da última década que versam a relação entre a Literatura e a História. Nesta interdisciplinaridade e como limite ao tema em questão, procura-se elencar apenas aqueles em que se assume o texto literário como contributo claro e concreto para a informação científica e como fonte relevante para o conhecimento em História. A apresentação seguirá a ordem cronológica dos trabalhos.

Lucas Bittencourt (2008) assegura que, enquanto fonte, a Literatura está cada vez mais presente nos estudos históricos, principalmente nos relativos aos períodos mais recuados. Segundo defende, os textos épicos medievais podem ser utilizados como fonte histórica e exemplifica com as sagas e com as canções de gesta. Ele salienta que o trabalho do historiador começa com a escolha das suas fontes e que o seu interesse pode estar tanto no fantástico quanto no verídico.

Paula Lopes (2010) afirma que a Literatura se liga à história das civilizações e que se identifica com elas. Neste sentido, Valdeci Borges (2010) entende a Literatura como uma forma de representação social e histórica, na medida em Interdisc., São Paulo, n.º. 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

que esta é uma guardiã dos tempos e das marcas dos povos e dos lugares. Se a Literatura representa “as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico” (p. 98), então é uma fonte de informação válida das representações sociais e históricas. Assim, o texto literário é uma prova da experiência social e uma fonte documental das práticas sociais, pelo que será possível recorrer-lhe para a obtenção do conhecimento histórico, porém isto pressupõe uma reflexão e problematização historiográfica.

Dulce Santos (2010) refere o alargamento da noção de *campo documental* com a incorporação de todos os vestígios e testemunhos das experiências sociais humanas, disponíveis e em diversos tempos e espaços, e exemplifica com testemunhos escritos (Literatura), arqueológicos (cultura material) e iconográficos (produções artísticas). Tal permitirá o desenvolvimento de redes de pesquisas interdisciplinares, o que considera um “terreno ainda movediço para os historiadores devido à tradição arraigada” (p. 19). É o processo de mutação de documentos em fontes para pesquisa e uso posterior que se configura como a principal distinção entre a produção historiográfica e a produção ficcional nas formas míticas, literárias e metafóricas. Assume-se, portanto, que isto torna possível a desconstrução de hierarquias e a incorporação de outros materiais como fontes, tais como os textos literários e outras expressões artísticas. Admitindo o diálogo com outras ciências humanas, esta historiadora salienta também a necessidade de reflexões e o refinamento dos métodos da crítica documental na formação dos *corpora* das fontes históricas. Este ponto apresenta-se como fundamental para a historiografia, uma vez que o texto literário, enquanto fonte de informação, suscita reflexões científicas, principalmente quando os factos retratados na Literatura podem questionar a versão oficial da História (MARTINEZ, 2011).

No âmbito do projeto *O culto da Rainha Santa Isabel, em Coimbra, no século XVI, e as celebrações em sua honra no Colégio das Artes: a obra de Pedro Perpinhão, S.J.*, Helena Toipa (2012) demonstra que o professor e orador Pedro Perpinhão consultou fontes históricas escritas para conferir verdade e credibilidade ao seu relato da vida da Rainha Santa Isabel. O fio condutor do trabalho deste professor e orador e a fonte principal é a Lenda (ou Legenda) da Rainha Santa, considerada a primeira biografia de Dona Isabel de Aragão; outras fontes terão sido as crónicas dos reis de Portugal, concretamente as de Rui de Pina.

Não surpreende, então, que José Barros (2012) declare fontes históricas todos os

documentos textuais (crónicas, memórias, registos cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também quaisquer outros que possam nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da

realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante para o Presente do historiador (BARROS, 2012, p. 130).

No caso do património imaterial, este historiador inclui até os géneros da Literatura Oral e Marginal, por exemplo as receitas gastronómicas, as anedotas, os provérbios e os ditos populares. Especificamente sobre as fontes literárias, ele enumera diversos modos e géneros textuais (teatro, poesia, sermões, prosa) e reconhece que só mais recentemente (após 1980) estes começaram a ser explorados pelos historiadores como fontes históricas, como se vê destacado a amarelo na figura 1:

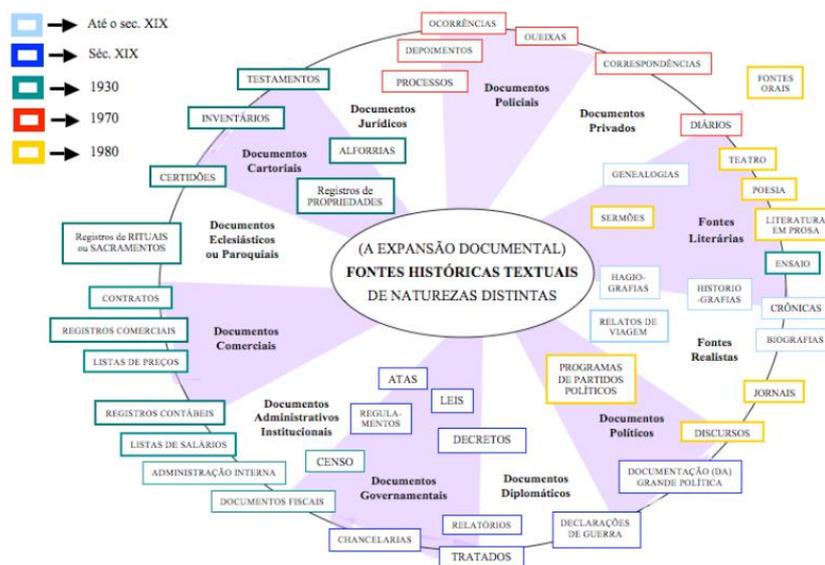


Fig.1 - Momentos no processo de Ampliação das Fontes Historiográficas “Verbais” (BARROS, 2012, p. 152)

Na mesma linha, Roberto Nogueira e M^a Lúcia Nogueira (2012) defendem que as obras literárias podem constituir fontes históricas e salientam o caso dos romances, pelo grande potencial que mostram para o estudo do contexto jurídico-social de uma determinada época. Por isto, concluem que “é mister reafirmar o lugar das produções literárias no trabalho historiográfico” (p. 17). Citando Le Goff, estes investigadores defendem que os textos literários se apresentam como fontes históricas, na medida em que o estudo das representações de uma época e de uma dada realidade deve abarcar todas e quaisquer traduções mentais ou interpretações de uma realidade exterior ou longínqua.

Eliane Mimesse (2013) afirma que a reconstituição do quotidiano dos imigrantes pode efetuar-se com recurso a fontes históricas mais inusitadas, com o exemplo de “cartas pessoais, do diário de anotações de uma menina com as histórias contadas pela avó, das lembranças dos moradores de uma cidade, das anotações contidas nas listas de chamada e muitas outras” (p. 116). Juntando-se aos já referidos explicitamente nos trabalhos anteriores, estes textos constituem géneros literários epistolares ou narrativos de carácter memorialístico.

Interdisc., São Paulo, n.º 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

Neste âmbito, vem igualmente à colação o trabalho de Paulo Neto (2013), que analisa o caso de Juscelino Kubitschek de Oliveira e defende que é possível compreender a sua atuação política tanto através da história e memória coletiva da época, quanto através da obra literária e da memória individual daqueles com quem este político privou. Baseando-se neste exemplo, Neto entende o discurso histórico como uma mescla de objetividade e de representação literária.

Gabriela Grecco (2014) realça que o texto literário e o texto histórico partilham o mesmo objetivo de apreender as realidades humanas e que muitos historiadores já aceitam como possível a identificação de dados históricos na Literatura. Ela afirma mesmo que as obras literárias podem até apresentar maior potencial informativo do que as tradicionais fontes históricas. Segundo esta historiadora,

nesse momento atual da historiografia, a relação entre História e Literatura ganha um novo vigor. Incluída nesse grande contexto de transformações teóricas, onde se buscam novos paradigmas de análise da realidade histórica, a aproximação entre História e Literatura amplia novos paradigmas interpretativos (GRECCO, 2014, p. 44 e 45).

No trabalho de Zueleide de Paula (2015), encontra-se uma nota de referência ao estudo das fontes históricas que assinala como tal, mais uma vez, a correspondência, os diários e as obras literárias, entre vários outros textos. Citando Gomes, esta historiadora concorda que um documento não diz o que aconteceu e sim o que o seu autor afirma ter acontecido, algo que ele viu, ouviu ou sentiu e interpretou. Neste sentido, encontram-se fontes escritas e fontes orais, como assinala Flávia Caimi (2016). Esta é mais uma historiadora cujo trabalho também refere o potencial da Literatura enquanto fonte de informação e produção de trabalhos históricos, especificando como fontes literárias escritas romances, biografias, jornais e revistas femininas.

Rogério Canedo (2016) defende o *perfeito consórcio* entre o conhecimento literário e o histórico, exemplificando como o romance contribuiu para a historiografia de Goiás. Segundo ele, o historiador é um recuperador de um tempo que não o seu e, para tal, cria condições para que surja uma narrativa das memórias pesquisadas e articuladas. Assim, as narrativas de memórias ou biográficas são um caso claro da benéfica articulação entre a Literatura e a História. De acordo com Cristiane Silva (2016), num estudo sobre a biografia de Nelson Mandela, a Literatura “possibilita o aporte necessário para a compreensão da diferença cultural, através da representação e da ficção, apontando-nos para conflitos, negociações, enfrentamentos, dentro de estruturas hegemônicas e reconstruções de modos de existência” (p. 130). As aproximações entre Literatura, História e Memória são, igualmente, estudadas por Isaías Souza e Ariovaldo Pereira (2016). Estes investigadores sustentam que tanto as narrativas historiográficas quanto as ficcionais proporcionam interpretações para os mais variados eventos históricos, numa abordagem interdisciplinar. Muito embora, existe uma escolha particular da modalidade de narrar e isso conferirá nuances na apresentação dos mesmos fatos, mas constitui um fator de aproximação entre as narrativas literárias e históricas.

Em concordância, Márcio Silva (2017) identifica relações concretas entre a narrativa literária e a narrativa histórica. Após estudar o contributo de um conto de Machado de Assis para a História do Brasil, ele salienta que a descrição de situações comuns no quotidiano dos escravos e seus senhores possibilita a compreensão da realidade da escravatura. Assim, “por trás de uma narrativa literária, sempre podemos encontrar uma narrativa histórica, pois a mesma é construída em um contexto social, político, econômico e porque não dizer histórico” (p. 128). O conhecimento do contexto social e histórico é realçado também por Adriana Fiuza (2017), que associa a Literatura e a História, através da análise de um conjunto de romances cuja temática se centra no período da ditadura de Rafael Leónidas Trujillo, entre 1931 e 1961, na República Dominicana – *novela del trujillato*. Combinando a ficção com a historiografia, a investigadora afirma que estes romances relatam o abuso de poder do ditador e as suas consequências, o que lhes confere um forte potencial como fonte informativa social e histórica.

O mesmo atestam Gilmei Fleck e Marina Rohde (2017), que revisitam o passado da figura histórica Anita Garibaldi por meio do estudo de dois romances. Estes investigadores defendem que a Literatura promove a releitura dos fatos históricos, pelo que a História deve ter em conta outros prismas que não os das tradicionais fontes oficiais. Assim, os textos literários ora corroboram ora questionam outras fontes e propõem novas visões da História. Ainda no âmbito do romance, refere-se o trabalho de Carmen Lima (2017) que, mediante a análise de um romance de Umberto Eco, sintetiza as ideias de dois modelos teóricos, talvez os mais relevantes, da relação entre a Literatura e a História: *Poética do pós-modernismo* de Linda Hutcheon, que considera a metaficção historiográfica como uma forma complexa sem ter a pretensão de reproduzir a realidade, contestando a rigidez dos tradicionais limites; e *O demónio da Teoria* de Antoine Compagnon, que estuda o discurso histórico e o discurso literário de forma comparativa e é o autor da frase *A História é um romance que foi; o romance é a História que poderia ter sido*.

A relação entre o romance literário e a História é muito concreta e ganha particular expressão no subgénero Romance Histórico, contudo os trabalhos mais recentes mostram maior variedade textual. Albertina Assumpção (2017) aborda a relação da História com as formas internas da Literatura, em concreto o conto literário. Ela relata que, embora tal não tenha acontecido de forma pacífica, a Literatura entrou como fonte histórica privilegiada, devido às significações/representações da realidade e de um tempo. Almeida e Borges (2017) demonstram como os romances de cavalaria portugueses que tratam o ciclo arturiano podem ajudar na compreensão histórica das concepções de *honra* e de *amor*.

Ariane Farias e Ânderson Pereira (2017) afirmam que a Literatura ajuda no questionamento e na reflexão acerca das questões sociais, tornando-se uma fonte documental privilegiada para pensar a História, porém alertam que isto acarreta um cuidado especial para o historiador ao lidar com as especificidades do texto literário e, talvez por isso, cresça o debate sobre a relação da História com a Literatura. Estes investigadores concluem que cada vez mais

Interdisc., São Paulo, n.º 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

historiadores percebem o potencial da informação contida nas obras literárias como meio para o entendimento dos fenômenos histórico-sociais de determinadas épocas, algo com que, após esta breve revisão de literatura acadêmica, só se pode concordar.

4 CONSIDERAÇÕES

Pelo exposto, considera-se inegável a relação entre a Literatura e a Histórica, em concreto os contributos que o texto ficcional literário pode trazer à informação científica histórica. Neste âmbito, os trabalhos académicos produzidos nos últimos dez anos mostram que as obras literárias têm vindo a ser assumidas como importantes fontes documentais, em concreto por historiadores que, embora raramente, por vezes lhe atribuem maior potencial informativo do que às tradicionais fontes da História.

A Literatura pode ser, então, interrogada e trabalhada como uma fonte histórica, na medida em que ajuda a construir o passado, em algumas circunstâncias até com maior elegância e dinamismo que a tradicional historiografia. Como prova, enumeram-se aqui vários casos de estudo, que vão desde a época medieval à contemporaneidade. Sendo que uns se mostram mais úteis do que outros, ficou demonstrado que o contributo informativo da Literatura se explana por praticamente todos os seus modos e géneros textuais, muito embora se privilegiem os textos memorialísticos e os Romances (históricos).

Atestado o papel de fonte histórica às obras literárias, salienta-se que o recurso a estes documentos pelos historiadores requer um cuidado especial, isto é, que se garanta uma abordagem e problematização históricas, com o questionamento, a reflexão e o rigoroso método da historiografia. Quer isto dizer que a Literatura é uma fonte válida e credível de informação científica para a História, mas que, como outras, deve ser confrontada e interrogada. Talvez seja neste ponto que se encontre o debate sobre as relações da Literatura com a História, uma vez que não se encontraram trabalhos académicos recentes que, claramente, se mostrem opositores ao paradigma da fonte histórica herdado da Escola dos Annales, muito embora se reconheça o ceticismo dos historiadores mais tradicionalistas.

Posto isto, considera-se que este tema é atual e pertinente, tendo em conta o período temporal dos trabalhos considerados, e que pode contribuir em definitivo para um novo modelo interpretativo da informação científica em História. Destaca-se, portanto, a interdisciplinaridade destas duas áreas das Humanidades. Entende-se que Literatura e História são claros interlocutores de um diálogo científico e que este é, sem dúvida, um domínio a considerar em futuros estudos que abordem a informação científica das fontes históricas. Logo, nada mais resta do que concluir com o repto de Oliveira e Rodrigues (2017): Literatura e História, uni-vos!

Interdisc., São Paulo, n.º 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P.; BORGES, L.C. **Da honra e do amor: uma relação histórico-literária possível**. In International Conference Reading the Middle Ages Today: Sources, Text and Translation. Universidade do Minho, Braga, 23 de junho de 2017.

ASSUMPÇÃO, A. As formas literárias e a História. **Revista Hydra**, v.2, n.3, p. 2-19, 2017.

BARROS, J. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. **Mouseion**, v.12, p. 129-159, 2012.

BITTENCOURT, L. Literatura épica e história. **Cadernos de História UFPE**, v.5, n.5, p.1-16, 2008.

BORGES, V. R. História e Literatura: Algumas considerações. **Revista de Teoria Da História**, v.3, n.1, p. 94-109, 2010.

CAIMI, F. Mulheres do século XIX no Rio Grande do Sul: uma abordagem metodológica para a história escolar. **MÉTIS: história & cultura**, v.15, n.29, p. 98-116, 2016.

CANEDO, R. Literatura e História: As narrativas presentes na historiografia de Goiás. **Jangada: Colatina/Chicago**, v.8, p. 172-189, 2016.

CHARTIER, R. ¿La muerte del libro?. Orden del discurso y orden de los libros. **Co-Herencia**, v.4, n.7, p. 119-129, 2007.

_____. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, v.24, n.69, p. 7-30, 2010.

FARIAS, A., & PEREIRA, Â. **História e Literatura: o entrecruzamento entre a ficção e o real**. In 14.^a Jornada da Pós-Graduação e Pesquisa. 2017.

FIUZA, A. Ficção e história na República Dominicana: tensões da ditadura trujillista na literatura contemporânea. **Cadernos de Letras da UFF**, v.45, p. 139-153, 2017.

FLECK, G. F., & ROHDE, M. L. Anita Garibaldi sob as luzes da ficção: a redescoberta de uma imagem histórica feminina. **Ribanceira**, v.9, p. 124-140, 2017.

GRECCO, G. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v.6, n.11, p. 39-53, 2014.

LIMA, C. Pontos e contrapontos entre literatura e história: a metaficção historiográfica em “A ilha do dia anterior.” **Claraboia**, v.7, p. 150-161, 2017.

Interdisc., São Paulo, n.º 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

LINARES, R. F. Apuntes para la reconstrucción de una sociología de la literatura. **Culturales**, v.VII, n.13, p.15-144, 2011.

LOPES, P. C. Literatura e linguagem literária. **Biblioteca Online de Ciências Da Comunicação**, p. 1-12, 2010.

MARTÍNEZ, M. DEL P. Reinventando Centroamérica. La construcción del imaginario social a partir de la novela de ficción. **Letras**, v.1, n.49, p.181-189, 2011.

MARTINS, C. O. A palavra literária como discurso comprometido. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, v.7, n.14, p. 13-29, 2015.

MEIRELLES, W. R. Ler, ouvir e ver. A revolução documental na pesquisa histórica: uma abordagem das formas da construção da história. **História & Ensino**, v.8, p. 143-150, 2002.

MIMESSE, E. Imigrantes europeus na América do Sul. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v.36, n.1, p. 109-117, 2013.

NAVARRETE, E. Roger Chartier e a Literatura. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v.2, n.3, p. 23-56, 2011.

NETO, P. Memórias como articulação entre literatura e história: o caso JK. **Miscelânea**, v.13, p.. 181-201, 2013.

NOGUEIRA, R. & NOGUEIRA, M^a L. Direito, história e literatura: reflexões a partir da obra de João Gumes. **Revista Direito e Liberdade**, v.14, n.1, p. 289-315, 2012.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares, **Projeto História** v.10, 1993.

OLIVEIRA, E., & RODRIGUES, C. “Literatura e História, uni-vos!”: breves considerações sobre o papel da produção literária e historiográfica vistas a partir do materialismo histórico. **Igarapé**, v.5, n.1, p. 88-102, 2017.

OZELAME, J., & OLIVEIRA, R. Literatura e História: aproximações e distanciamentos. **Nupem**, v.9, n.18, p. 73-81, 2017.

PAULA, Z. João Batista Vilanova Artigas, a edificação do ser e do fazer: um diálogo entre História e Arquitetura. **Patrimônio e Memória**, v.11, n.1, p. 22-45, 2015.

SANTOS, D. Velhas e novas relações entre os medievalistas e suas fontes. **Varia historia**, v.26, n.43, p.17-28, 2010.

SILVA, C. Na encruzilhada entre história e literatura: biografias de Nelson Mandela. **Vozes, Pretérito & Devir**, v.VI, n.1, p.126-145, 2016.

Interdisc., São Paulo, n^o. 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

SILVA, M. A realidade da escravidão na ficção machadiana: conto “Pai contra Mãe” e o diálogo entre história e literatura. **Espaço Acadêmico**, v.190, p. 126-135, 2017.

SILVA, V. M. A. **Teoria da Literatura**. 8.ed. Coimbra: Almedina,1993.

SOUZA, I. M. & PEREIRA, A. Literatura, história e memória: aproximações pertinentes. **Comunicaciones en Humanidades**, v.5, p. 136-145, 2016.

TOIPA, H. C. As fontes históricas do De Vita et Moribus B. Elisabethae Lvsitaniae Reginae Libri III de Pedro João Perpilhão, S.J. o conflito entre D. Dinis e o seu filho e a intervenção de D. Isabel. **Máthesis**, v.21, p. 27-56, 2012.